

A PRODUÇÃO NO OESTE DA BAHIA CONTROLADA POR ESTRANGEIROS E A SUA VINCULAÇÃO/SUBORDINAÇÃO AO CAPITAL¹

THE PRODUCTION IN THE OESTE DA BAHIA CONTROLLED FOR FOREIGNERS AND THE YOUR LINKING/SUBORDINATION TO CAPITAL

Tássio Barreto Cunha

Doutorando FCT/UNESP

tassiocunha@gmail.com

Resumo

A dependência de commodities primárias é enraizada na história econômica brasileira, o que ao longo dos séculos provocou (re)configurações desse movimento de modo mais intenso e em curtas temporalidades, de acordo com os ditames do capital em conluio com o Estado. A tentativa de expressar parcela de um dinamismo que vem ocorrendo no Oeste da Bahia na década de 2000, intensificada a partir de 2007 com a última crise mundial, é o nosso foco protagonista, sobretudo, pautado na vinculação/subordinação da cadeia produtiva ao capital externo e a aliança de classes ao capital nacional e proprietários de terra.

Palavras-Chave: Oeste da Bahia, Estrangeirização, Cadeia Produtiva, Terra e Capital.

Abstract

The dependence on primary commodities is rooted in Brazilian economic history, which over the centuries (re) configurations of this movement is occurring more intensely and in short time frames, according to the dictates of capital in collusion with the State. The attempt to express portion of a dynamism that has occurred in the Oeste da Bahia in the 2000s, intensified from 2007 with the last global crisis, is our focus protagonist. Above all, based on linking / subordination of the production chain to foreign capital and the classes alliance to national capital and landowners.

Keywords: Oeste da Bahia, Foreignization, Productive Chain, Land and Capital.

INTRODUÇÃO

*A solução pro nosso povo eu vou dá.
Negócio bom assim ninguém nunca viu.
Tá tudo pronto aqui é só vim pegar
A solução é alugar o Brasil!
(Raul Seixas)*

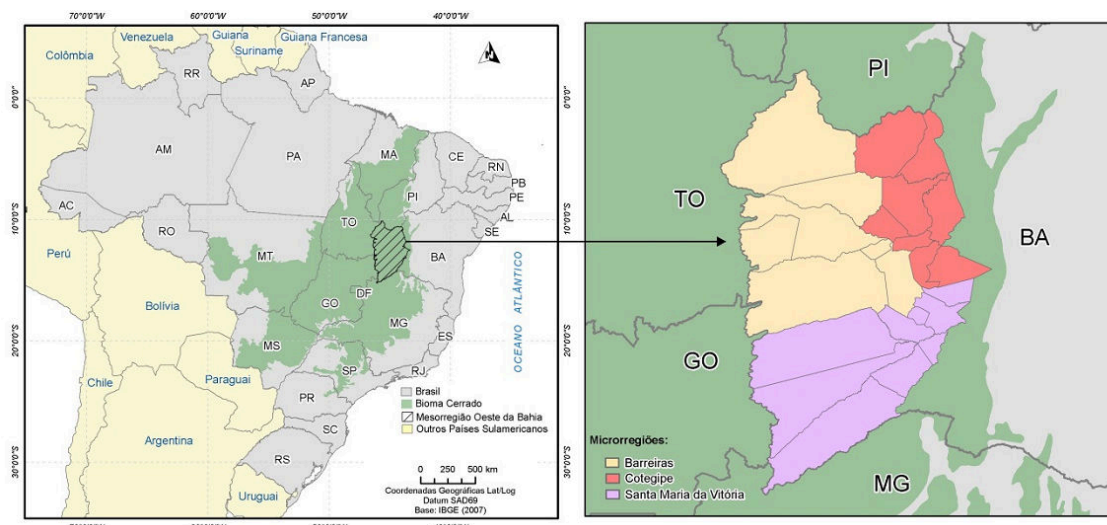
A política de altos investimentos pelo Estado brasileiro referentes ao agronegócio fez-se consolidar uma estrutura de enorme poder político-econômico, desde o controle da aquisição das terras ao consumo final, sobretudo por grupos que são integrados

verticalmente, tanto pelas agroindústrias, quanto em outros setores ligados a comoditização da economia, como as grandes cooperativas centrais de comercialização rural e os grupos nacionais e/ou multinacionais integrados com esses comércios, responsáveis por usufruir de planejamentos com tecnologia de ponta, esses, conhecedores de uma gama de processos naturais e socioeconômicos, utilizados desde a análise para a compra das propriedades, a venda do produto. Estes, com acesso privilegiado a “canais de financiamento”, principalmente os destinados para a exportação (DELGADO, 2012).

Como todo território possui uma história que explica a sua essência do momento, o Oeste da Bahia (figura 1) enquanto porção do Brasil consubstanciado nessa lógica monetária para exportação de commodities, alicerça-se a modernização do setor de acordo com os tratados firmados pelo Estado brasileiro e baiano, e os capitais que controlam a produção do/no campo, principalmente aqueles que oligopolizam mecanismos voltados para a especulação (compra, estruturação para produção e arrendamento) de terras, cultivo das lavouras, estoque, transporte e venda. Um arcabouço historicamente montado, reestruturado a partir da década de 2000, com a intensificação de capitais integrados e verticalizados, em que detentores do capital externo se tornam os principais responsáveis pelo controle dessa cadeia produtiva.

Essas frações produtivas desse território foram escolhidas de acordo com características do rural, por serem viáveis para atender as necessidades do urbano, que passa a contribuir de forma mais intensa ao movimento campo-cidade, já que, ao mesmo tempo em que provoca o aumento da urbanização, impulsiona o campo a produzir em maior quantidade e velocidade. A injeção de capitais fixos e circulantes no campo, integrados as “megas” estruturas moldais e financeiras, possibilitaram a formação de uma verdadeira combustão para mover essa dinâmica. Isso, de modo associado, agindo na espoliação, expropriação e exploração dos mais diversos trabalhadores, que direta ou indiretamente permeiam os círculos de produção desses conglomerados.

Figura 11 – Localização do Oeste da Bahia e suas Microrregiões



Fonte – Santos (2014).

Uma peleja constante, que envolve também disputas intra/inter capitais de diferentes empresas e setores econômicos, contudo, normalmente ligados a atividades agroindustriais e a commodities primárias. Na região de estudo, o avanço da soja, do algodão e do milho frente às pastagens, o anúncio da exploração de minérios e derivados de petróleo (Tálio e Gás de Xisto) de alto valor e altamente poluente, e o desterroamento constante de povos tradicionais, são marcas dessa sobreposição territorial, que chamamos de *Conglomerado Territorial do Agrohidronegócio* - CTA.

Em nossa ótica, são litígios crescentes, visualizados principalmente em porções do território brasileiro responsáveis por materializar essa dinâmica de commodities primárias, sobretudo a partir dos anos 2000. Década que propiciou a vinda de capitais objetivados em investir no campo, facilitados pela quase total abertura estatal para investidores, diante da subordinação da economia brasileira ao capital internacional, alta dos preços das commodities no mercado externo, abundância em terras com características edáficas-climáticas-geomorfológicas-hídricas propícias para a produção, omissão estatal frente à legitimação de propriedades centenárias pertencentes a posseiros, a grilagem constante de terras etc.

Uma abertura que permitiu participação crescente de grandes grupos estrangeiros e nacionais no mercado de terras, consolidando o poder de classe do capital em fronteiras agrícolas consolidadas, e outras em constante expansão, como o Oeste da Bahia. Uma corrida que alavanca a necessidade de domínio de terras agricultáveis, trabalhadores e água. Que surgem como elementos substanciais nessa disputa também entre capitais, seja

com foco na geração de energia, escoamento e exploração da mineração, seguridade da produção agropecuária, etc., vinculados a diferentes interesses, que se conflitam, estes, inerentes à diversidade de fins e usuários, e a larga escala de utilização.

Uma submissão permanente imposta pelo sistema capitalista, sobretudo na sua periferia. Praticada conjuntamente com a usurpação de patrimônios e o controle e a coerção estatal. Uma estrutura impossibilitada de avançar socialmente de modo vertiginoso, pois as bases internas de acumulação são insuficientes, estando aquém de arcar com as demandas sociais, isso paralelo a desigual distribuição dos recursos e a necessidade de pagamento da dívida pública.

Sem a possibilidade de concorrência e conseqüentemente de acumulação, resta à economia nacional seguidora dos ditames do capital, primarizar a econômica enquanto pauta protagonista. Como estamos em um momento de domínio do capital financeiro, os patrimônios se transferem, perdendo o Estado brasileiro as funções acumulativas, que poderia exercer de modo mais contundente (OLIVEIRA, 2010).

O resultado é o domínio de parcelas territoriais estratégicas, como observado no Oeste da Bahia, com padrões locacionais privilegiados, acessível a matérias-primas, mão-de-obra e recursos naturais. Um espaço apropriado para atender a demanda de instalação, produção, comercialização e venda dos produtos comercializados. Com um domínio normalmente usufruído por oligopólios empresariais concentrados, de grande capacidade dinâmica e estratégica, se tratando da escala técnica, financeira e de gestão, com pouca diferenciação nos produtos (BRANDÃO, 2010).

É pelo caminho da atuação do capital em áreas estruturadas para atender a produção nacional com cunho exportador que estamos entendendo a estrangeirização de terras no Brasil e no Oeste da Bahia. Logo, entendemos que o debate isolado em referência somente a compra de terras se torna insatisfatório para lermos a realidade do momento, sendo preciso somar essa questão com outros elos da cadeia produtiva para assim enriquecermos as discussões, a princípio, focadas em áreas que os grandes grupos do setor estão instalados.

O CAPITAL NO CAMPO DO OESTE DA BAHIA E O NEXO CAUSAL DA SUA (RE)PRODUÇÃO

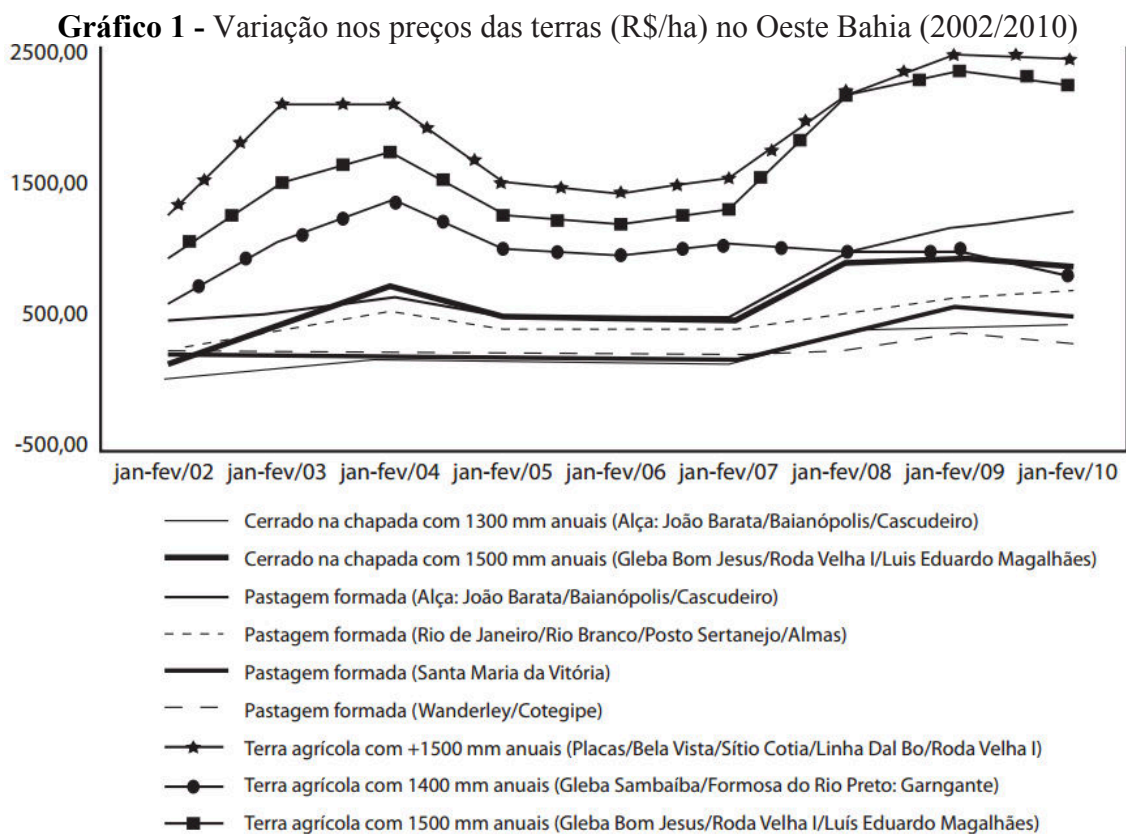
O processo debatido nesse item se intensifica no campo brasileiro na década de 2000, sobretudo a partir da crise financeira mundial de 2007, a partir do momento que muitos capitalistas passam a converter o seu capital financeiro em patrimônio materializado em terras cabíveis de retorno lucrativo com diferentes fins. Parcelas do Oeste da Bahia enquanto área estruturada para a expansão econômica baseada na comoditização, é uma das porções territoriais do Brasil atingida diretamente por essa injeção de capitais, em que a propriedade enquanto ativo financeiro passa a ser um “porto seguro” ao investidor, diante das condições sociais-políticas-econômicas encontradas (MITIDIERO JR., 2014).

De modo inverso a conjuntura econômica global, a crise financeira fortaleceu o mercado de terras propícias à produção capitalizada no campo brasileiro. A subordinação econômica do Brasil a ocorrências externas, junto à posição política governamental, provocou a fuga de capitais em massa para o Brasil na última década, com um *boom* de investidores internacionais se direcionando para partes do seu território. Quadro vinculado diretamente ao aumento dos preços das commodities no mercado internacional a partir de 2003, ligado à ascensão da demanda e a opção brasileira em priorizar as exportações com produtos primários, incentivados pela abertura do mercado e por financiamentos estatais diretos.

O gráfico 1 nos mostra essa reinversão na valorização da terra no Oeste da Bahia, apresentando um novo ciclo do preço na região após 2007. Uma conjuntura que afeta praticamente todas as unidades analisadas, contudo, diferenciada de acordo com as características propícias para a produção. As ascensões mais acentuadas estão em áreas estratégicas para se produzir do ponto de vista locacional, levando em consideração a pluviosidade, solo, relevo, hidrografia e o conjunto infraestrutural de preparação, produção, escoamento e venda dos produtos. Ligadas a áreas em que grandes grupos do setor controlam quase que totalmente a cadeia produtiva. Como é o caso das áreas de chapada, com pluviometria superior a 1300 mm/ano, relevo plano, água superficial e/ou subterrânea em abundância, altimetria superior a 600 m, proximidade a centros comerciais e moldais de escoação. Essas, características conjuntas que propiciam maiores índices de valorização.

As áreas de pastagem apresentam características naturais e estruturais diferenciadas das demais, não favoráveis à expansão do agronegócio implantado, utilizada principalmente para criação de bovinos de base familiar. O principal obstáculo para essa expansão é o clima semiárido, que propicia uma pluviometria inferior a 1200 mm/ano (quantidade mínima considerada pelo agronegócio para se produzir as principais culturas praticadas) e uma regularidade de chuva segura para evitar perdas catastróficas, como é de praxe ocorrer em territórios com esse clima. Outros fatores naturais como solo e relevo não são impedimentos, por oferecerem características favoráveis para o cultivo. São exceções pontuais fazendas localizadas em margens de rios, utilitárias de pivôs centrais em largas extensões.

Essa diferenciação na valorização da terra é clara pelo aporte de fatores econômicos/políticos/naturais direcionados ao agronegócio e a exclusão da agropecuária de pequeno porte. Guiados, sobretudo pela injeção de capitais em espaços de interesse, que possibilitam a sua multiplicação. Aqueles que não consubstanciam com seus anseios são descartados do processo, condicionados a outra lógica sociofinanceira. Entretanto, apesar do pouco povoamento, pequena circulação de capitais, essas áreas são vistas como “reservas” para o investimento do agronegócio. As margeadas nos rios para irrigação, as degradadas (direcionadas para o reflorestamento a base de eucalipto², e em porções territoriais que não possuem áreas planas para o plantio das lavouras mais viáveis economicamente como a soja, o algodão e o milho) e aquelas sobrepostas a aquíferos de média e alta vazão.



Fonte: Instituto Consultoria e Informações em Agronegócios – FNP.

Org. (SAUER, 2012).

Uma mobilidade de capitais intuída em aplicar seus ativos financeiros em investimentos seguros e mais lucrativos, ligados diretamente à diminuição brusca das barreiras comerciais/regulações econômicas nacionais, assim reduzindo o custo do deslocamento e possibilitando uma maior circulação de capitais. Regras neoliberais, impostas sobre a lógica da flexibilização dos mercados, que o Brasil referenda, não taxando tributos sobre o valor bruto das commodities exportadas. Um “paraíso” para os investidores, e o “inferno” para aqueles que sofrem os impactos promovidos por essas atividades.

Com esse favorecimento estatal de omissões para os menos favorecidos e legitimações para os abastados, paralelo às condições monetárias externas, os empreendimentos passaram a buscar o Brasil com maior movimento e liberdade, focando localidades mais apropriadas à rentabilização de seus investimentos, como é o caso da parcela mais ocidental do Oeste da Bahia, como nos apresenta a tabela 1. Esboço que expressa um mercado mundial imperialisticamente dominado, estabelecendo um conjunto de relações injustas e desiguais, operando sempre em vantagem dos mais fortes e subordinação/exploração dos mais fracos (MÉSZÁROS, 2007). Esta, uma estimativa

baseada em dados expostos pelos grupos em órgãos oficiais do Estado, sites dos grupos, jornais/revistas impressas e online.

Segundo a AIBA, em 2014 foram destinados 2,25 milhões de HA para a produção no Oeste da Bahia, desses, estimamos que 1.724.376 são controlados por 31 grupos que utilizam cerca de 76,64% dessas terras para o cultivo e/ou criação em grande escala³. Apesar de não serem dados oficiais precisos, diante da mobilidade do mercado de terras nessa região e da não divulgação dos dados pelos órgãos estatais responsáveis, é um esboço para compreendermos os oligopólios formados e a expressão do controle territorial e da cadeia produtiva do agronegócio na região.

O restante, provavelmente formado por agricultores pouco capitalizados e terras não utilizadas, ficam a mercê daqueles que controlam a cadeia produtiva, tentando produzir culturas com a mesma performance das grandes corporações, em total condição de desigualdade técnica, informacional, modal e sobretudo financeira. O que encadeia uma dependência guiada diretamente pelo financiamento, que possui séries de normas a serem seguidas durante toda a cadeia produtiva, priorizando o controle do cliente e o lucro das empresas, seja nos equipamentos, sementes, agrotóxicos, transporte, venda, etc. Como nos exemplifica um agricultor.

As multinacionais são elas que bancam, o agronegócio é bancado pelas multinacionais, Cargill, Bunge, essas outras produtoras de semente, Bayer. A maioria aqui não é fazendeiro que produz, são as multinacionais. Os fazendeiros trabalham para elas. É um ou outro que é um grande grupo, tipo Horita. Existem uns grandes grupos que são os verdadeiros donos do negócio. Grupo Horita, é um grande grupo que tem ai. Produz soja, algodão, esse é nacional, as fazendas tudo nacional. Só que as multinacionais é que são donas do negócio, o cara te entrega à semente para receber a produção. A Bayer te entrega o pesticida para receber a produção. Os caras trabalham para as multinacionais, a exceção de alguns grandes grupos que são deles mesmo. Aqui tem mil produtores. Agora a grande maioria vive trabalhando para esses grandes grupos. Então o cara planta, a produção não é dele mais. Quando ele colher já ta tudo comprometido, se não colher, se houver algum problema desses vários aqui, ele ta lascado, vai ficar na mão da multinacional.

(João⁴, LEM, Maio de 2014).

O relato expressa a dependência dos agricultores dentro de um território destinado a atender uma parcela da demanda do mercado global, que para funcionar não basta apenas produzir, mas também fluir diante de um arcabouço global de submissão. Logo, quem detém o controle da cadeia domina a fluidez financeira-informacional-técnica-

modal, em uma combinação dependente e integrada, em que uma depende da outra. Esse desenho exportador integra os agricultores de modo subordinado ao sistema, por não possuir condições de concorrência equivalente, onde poucos controlam a maioria. Um domínio que busca a cada passo a otimização das condições de mercado (menores custos somados a maiores lucros), quando a compra, produção, venda, circulação e consumo são diretamente ligados ao domínio de condições naturais e regras estatais para manutenção do sistema, definidas em regras globais de mercado.

[...] hoje quem controla a agricultura são as grandes corporações internacionais, e elas impõe o preço de acordo com o mercado internacional. O preço dos produtos não é mais determinado pelo custo de produção. É determinado pelo nível de controle que as empresas têm sob aquele produto. E como eles se dedicam a apenas alguns produtos, que dá muito lucro, como a soja, o etanol da cana, a celulose do eucalipto, e a carne de boi, os preços desses produtos disparam, a taxa de lucro aumentou muito na agricultura, e com isso também, aumentou a corrida do Capital sob as terras, que também aumentou muito o preço.
(Josenildo, Barreiras, abril de 2014).

É diante dessa condição que somente um empreendimento dos listados, está fora da área demarcada e estruturada para a expansão do capital⁵ nessa região. Todos os restantes estão presentes nos Chapadões do São Francisco, em condições edafoclimáticas similares, vinculadas a um suporte estrutural para dar sustentação à dinâmica da fronteira. São grupos nacionais e/ou internacionais, atrelados a instituições estrangeiras de capital aberto, parte, criados principalmente a partir de 2007 com os primeiros anúncios da crise. E estabelecimentos nacionais que surgiram principalmente no final da década de 1980, vinculados a programas estatais estruturados de acordo com características da reestruturação produtiva, ligada ao Brasil a partir dessa temporalidade, com o Consenso de Washington.

Tabela 1 - Grandes Grupos Nacionais e/ou Internacionais que Atuam no Oeste da Bahia

NOME DO EMPREENDIMENTO	PRINCIPAL (IS) PROPRIETÁRIO (OS)	ÁREA (HA)	MUNICÍPIOS DE ATUAÇÃO NO OESTE DA BAHIA	PAÍSES DE ATUAÇÃO	PAÍS DE ORIGEM DO CAPITAL PRINCIPAL	FONTE DOS DADOS
Fazendas Estrando e Santa Rita	Delfim S/A Crédito Imobiliária (Ronald Levinshon)	444.306	Formosa do Rio Preto e Santa Rita de Cássia	Brasil	Brasil	INCRA - Livro Branco da Grilagem (2014) e Jornal O Expresso (2014)
Fazenda Canabrava	Canabrava Agropecuária	139.143	Formosa do Rio Preto	Brasil	Brasil	INCRA - Livro Branco da Grilagem (2014)
Fazenda Mocambo e Alegre	Júlio Carvalho Fernandes Filho	110.000	Formosa do Rio Preto e Santa Rita de Cássia	Brasil	Brasil	INCRA - Livro Branco da Grilagem (2014)
ADECOAGRO	George Soros	20.419	Barreiras e LEM	Brasil, Argentina e Uruguai	Inglaterra	Revista Cafeicultura (2007) e Site do Grupo
BRASIL-AGRO	Cresud S.A.C.I.F Y A	86.587	Jaborandi, Correntina e Baianópolis	Brasil, Bolívia, Argentina e Paraguai	Argentina	Site do Grupo
Sem informação	Brian Willot	18.000	LEM e Formosa do Rio Preto	Brasil	EUA	Reportagem Jornal O Estadão (2007)
AMERICAN COLONY	Associação American Colony	20.000	Sem informação	EUA e Brasil	EUA	Site da Secretaria de Comunicação do Tocantins – SECOM (2007)
SOLLUS CAPITAL	Vinci Partners, Los Grobo, Touradji Capital Management	4.095	Jaborandi	Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina	Brasil, Argentina e EUA	Site do Grupo
TIBA-AGRO	Vision Brazil Investments	15.759	Sem informação	Brasil e EUA	Brasil, EUA e Europa (sem	Slides da Vision Brazil Investments

A produção no Oeste da Bahia controlada por estrangeiros e a sua vinculação/subordinação ao capital

					informação dos países)	
Calyx Agro Brasil	Louis Dreyfus e AIG Brazil Special Situations Fund II	19.800	Jaborandi e Correntina	Brasil, México e Colômbia	França, Brasil, México e Colômbia	Agrolink (2008), Revista Exame (2008)
SLC Agrícola	Grupo SLC	125.719	Jaborandi, Correntina, Barreiras e Formosa do Rio Preto	Brasil	Brasil	Site do Grupo
Joint Venture - MITSUI & CO. & SLC Agrícola	MITSUI & CO. LTDA & SLC Agrícola	21.898	São Desidério	Brasil	Japão e Brasil	Site do Grupo SLC
Agrifirma	Lord Rothschild e Jim Slater, e o Vinci Partners	77.275	LEM e Correntina	Brasil	Inglaterra	Site do grupo e Revista Dinheiro Rural (2014)
V - Agro	Brasil Ecodiesel, Maeda Agroindustrial e Vanguarda Participações	18640	São Desidério e Correntina	Brasil	Brasil	Jornal Estadão (2012) e Site do Grupo
XinguAgri	Multigrain, trading controlada pela empresa Mitsui	82.000	São Desidério	Brasil	Japão	Jornal Valor Econômico (2014) e Site do Grupo
LDCommodities	Louis Dreyfus	20.000	Sem informação	Diversos países	França	Jornal Brasil de Fato (2007)
Kobra Agrícola Group LTDA	Kobra Agrícola Group	20.000	São Desidério	Brasil	Holanda	Jornal Valor Econômico (2014) e Site do grupo
Agronol	Humberto Santa Cruz	30.000	LEM	Brasil	Brasil	Diário Comercial da Indústria (2008)
Grupo Horita	RICARDO LHOSSUKE HORITA, WALTER YUKIO HORITA e WILSON HIDEKI HORITA	150.000	São Desidério, Correntina, LEM e Formosa do Rio Preto	Brasil	Brasil	Site do Grupo
Barra Velha Agropecuária	Grupo Mizote	38.000	Correntina	Brasil	Brasil	Rede Cerrado (2014)

A produção no Oeste da Bahia controlada por estrangeiros e a sua vinculação/subordinação ao capital

Fazenda Iowa LDTA.	Brasil Iowa Farms	9.064	LEM	Brasil	EUA	Site do Grupo
Carroll Farms Brasil Ltda.	Carroll Farms Brasil	10.521	São Desidério	Brasil	EUA	SEI, Site Publicações FindTheCompany e Site do Grupo
Fazenda Busato	Júlio Busato	40.000	Serra do Ramalho, Jaborandi e São Desidério	Brasil	Brasil	Site do Grupo e a Revista A.net (2014)
Fazendas Irmãos Franciosi	Romeu Franciosi, João Antônio Franciosi e Ubiratan Franciosi	57.000	LEM e Cocos	Brasil	Brasil	Revista Dinheiro Rural (2010)
Fazendas Mizote	Paulo Mizote	26.500	São Desidério e Formosa do Rio Preto	Brasil	Brasil	9º Congresso Brasileiro do Algodão (2013)
Ademar Antônio Marçal	Ademar Antônio Marçal	45.000	São Desidério	Brasil	Brasil	Capital News (2009)
Fazenda Ana Terra et. al.	Amauri Stracci	10.000	São Desidério e LEM	Brasil	Brasil	Revista A Granja (2009) e Jornal Nova Fronteira (2007)
Grupo Arakatu	Agropecuara Arakatu LTDA	6.000	Barreiras e LEM	Brasil	Brasil	Site do Grupo
AgriBrasil	AgriBrasil Holding	24.400	Jaborandi	Brasil	Brasil, EUA e Holanda	Jornal A Tarde (2015) e Jornal Correio (2015)
Fazenda Letissimo	Simon Wallace	5.500	Jaborandi	Brasil	Nova Zelândia	Revista Globo Rural (2010)
João Carlos Jacobsen Rodrigues	João Carlos Jacobsen Rodrigues	17.400	Barreiras	Brasil	Brasil	Portal KLFF
TOTAL		1.724.326				

A aquisição de terras por grandes grupos no Oeste da Bahia é intensificada em períodos de maior injeção de capitais. O que provoca um movimento concentrador e fluído, onde a constância da produção predispõe intensificar a abertura da fronteira, acompanhando o aumento de investimentos. Contudo, com altos patamares de lucratividade, grandes capitais se concentram em áreas melhor localizadas, impulsionando o deslocamento de produtores detentores de menores capitais, com a compra e/ou arrendamento das propriedades.

Produtores submetidos a essa estrutura, buscam outros investimentos e/ou a compra de propriedades menos valorizadas, com condições inferiores de produção, escoamento e venda. Contribuindo para a continuidade do avanço da fronteira agrícola. Propensos a continuarem integrados a mesma lógica de dependência, pois, no arcabouço da exportação, a vulnerabilidade econômica é inerente a sua posição na cadeia produtiva. As novas áreas são adquiridas principalmente em regiões de avanço do desmatamento, que de modo paralelo segue junto à degradação do trabalho e da natureza. Uma lógica fundiária e socioeconômica, que muda de agentes controladores, mas não de estrutura.

[...] aquelas fazendas de gaúchos mais tradicionais de 1000, 5000 HA estão cada vez mais diminuindo. Ou eles acham propostas tão favoráveis, que se integram e começam a comprar casas na cidade para alugar, ou também já abusam da atividade. A gente não pode relativizar tudo, muito rentável para alguns, mas um produtor nessa faixa de terras é muito dependente. Ele fica assim nas zonas dos financiadores, parte são financiadores dos bancos, parte pré-financiamento pela Bunge, pela Cargill, pela ADM, outras agências particulares. Muitas vezes contratos desfavoráveis, muita esperteza dessas grandes agências. A maior parte, praticamente é subsidiada em todo plantio, entregar os insumos, todos e na realidade depois receber as 100 sacas de soja e de milho, mais o gasto com insumos, combustível, mão-de-obra, etc.. Até grandes fazendas estão totalmente aborrecidas com aquilo, tudo isso eu aponto para uma concentração de poder e esse limite não me parece alcançável. A gente não sabe o papel dos poderosos políticos e muitos que dizem que estão inseridos nessa concentração, eles têm informações privilegiadas, convertem para isso em dinheiro para eles, canalizando informações para estrangeiros.

(Abenilson, São Desidério, abril de 2014).

Essa integração e atuação dos grandes grupos no Oeste da Bahia, é a expressão mais avançada de um capitalismo que a partir de crises interimperialista, moldaram novas formas de organização internas e externas e de relações de trabalho, sempre buscando superar as contradições geradas pela disputa de mercados e fontes de matérias-primas

entre as empresas nacionais. Principalmente em três processos combinados, a necessidade de movimentos internacionais de capitais, a produção capitalista internacional e a existência de ações de governos a nível internacional. A partir desses processos, os Estados nacionais permitiram que as empresas passassem a ser as novas organizações de controle da economia mundial, em que o Estado necessita da empresa para garantir a mundialização, e o Estado precisa dos grandes grupos para garantir sua legitimidade por se vincular ao mundo controlado economicamente pelo capital (OLIVEIRA, 2012).

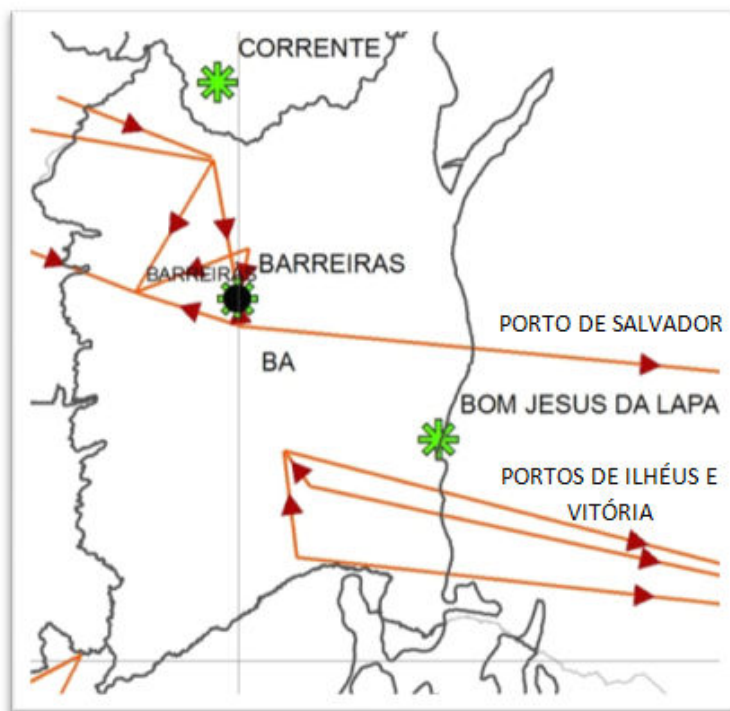
Oliveira (2012) apresenta que esse alcance só foi possível com a construção de monopólios mundiais, com as empresas multinacionais como bases desse processo mundial. Avançando, sobretudo com investimentos em filiais, fusões, associações, franquias, etc., entre empresas e detentores de terras dos mais diversos ramos, nacionais e/ou internacionais. Ramificando em dois processos, a territorialização dos monopólios e a monopolização dos territórios. A *monopolização do território* atua simultaneamente, no controle da propriedade privada da terra, do processo produtivo no campo e do processamento industrial da produção agropecuária. A *territorialização dos monopólios* é desenvolvido pelas empresas de comercialização e/ou processamento industrial da produção agropecuária, que sem produzir no campo, controlam através de mecanismos de subordinação, camponeses e capitalistas produtores do campo.

No Oeste baiano, multinacionais como a Cargill, Bunge, LDCommodities, ADM e Amaggi, atuam na territorialização dos monopólios, por serem corporações que controlam sistemas produtivos integrados, desde a compra, estocagem, transporte e venda. As principais vias de escoação da produção do cerrado baiano são integradas as cidades de LEM, Barreiras, São Desidério, Formosa do Rio Preto e Correntina, pelo motivo dessas empresas possuírem seus principais armazéns nessas localidades. Direcionando em suma maioria a produção para os principais portos do país (Figura 1 e Tabelas 2 e 3). Como exemplifica um ex funcionário da Cargill.

Você tem a fábrica, a unidade fabril e você tem os entrepostos que recebem a soja dos fazendeiros e vai mandando para a fábrica aos poucos. Então você tem as unidades de recebimento de soja, são 12 unidades, nas principais regiões da fronteira. [...] A soja basicamente, é financiada parte dela pelo próprio Banco Cargill, então o cara quando precisa de fazer um empréstimo, quando não quiser ir em outras instituições financeiras, o banco Cargill financia ele e aí ele produz a soja e vende na unidade de recebimento da própria Cargill. Só que a

Cargill não esmaga muito aqui, ela trabalha com muita exportação para fora. Ela manda soja para o porto de Ilhéus, o Aratu lá em Salvador, e de lá eles mandam. São dos pequenos, médio e grandes produtores. As fazendas produzem e vendem para eles, vendem para a Bungue... aqui são mais de vinte empresas que compram soja no Oeste da Bahia.

(Ostevaldo, Barreiras, Maio de 2014).



Fonte – MMA (2012)

Contudo, com o cruzamento referente à área plantada da soja, do algodão e do milho, e as tabelas da quantidade de terras dos grandes grupos e empresas exportadoras (tabelas 1 e 4), é nítido o controle absoluto dos grandes grupos nacionais e internacionais que estão presentes no Oeste da Bahia sobre a cadeia produtiva. Consubstanciando a monopolização do território e a territorialização do monopólio. Mesmo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC e a AIBA não divulgando o valor exato das exportações por unidade, é perceptível o domínio dos grandes grupos apresentados na tabela 4 referentes às exportações, sobretudo de soja, algodão e derivados, e em menor número, milho, café e frutas.

Em 2012, o complexo soja e algodão foram responsáveis por 13% e 3,5% respectivamente, do valor das exportações na Bahia, onde o Oeste Baiano é responsável por mais de 95% da produção (IBGE, 2015). A soja e o algodão prevalecem como

principais produtos exportados, pois o milho é destinado em ampla maioria para o mercado interno, 84% (AIBA, 2014) atendendo, sobretudo a demanda das médias e grandes cidades da Bahia e do Nordeste, destinando 36% e 48% da produção respectivamente.

Tabela 2 – Portos Utilizados para Exportação de Soja do Oeste da Bahia em 2013

PORTOS	QUANTIDADE (t)	%	Valor US\$	%
SALVADOR – BA	1.551.474	89,5	835.782.757	89,1
VITÓRIA – ES	113.490	6,6	64.953.908	6,9
ILHÉUS – BA	37.547	2,2	21.843.767	2,3
SÃO LUIS – MA	29.958	1,7	15.800.312	1,7
SANTOS – SP	120	0,0	73.211	0,0
TOTAL	1.732.589	100	938.453.955	100

Fonte: AIBA (2014)

Tabela 3 – Portos Utilizados para Exportação de Algodão em Pluma do Oeste da Bahia

PORTOS	QUANTIDADE (t)	%	Valor US\$	%
SANTOS – SP	307.813	88,4	629.449.419	88,4
PARANAGUÁ – PR	37.104	10,2	72.817.816	10,2
SALVADOR – BA	3.705	0,7	5.312.944	0,7
FOZ DO IGUAÇU – PR	1.003	0,3	1.905.646	0,3
PECEM - CE	598	0,2	1.376.880	0,2
SÃO FRANCISCO DO SUL – SC	374	0,1	810.651	0,1
ITAJAÍ - SC	179	0,1	349.081	0,1
TOTAL	350.776	100	712.022.437	100

Fonte – AIBA (2014)

A compra direta da propriedade por esses grupos é utilizada de acordo com a viabilização comercial. Em plantações permanentes essas práticas são mais comuns, pois garante uma rentabilização constante. Porém, os domínios do território e da cadeia produtiva se apresentam de modo paralelo no Oeste da Bahia, na maioria das vezes de forma integrada pelos grupos, sobretudo pela alta lucratividade que o mercado de terras vem proporcionando, seja produzindo e/ou especulando. A maior parte dos grupos que possuem terra no Oeste da Bahia, também são exportadores segundo as tabelas 1 e 4, com exceções de grandes corporações como a Bunge, Cargill, Amaggi, ADM, EISA, etc.

Pela estimativa levantada na tabela 1, dos 31 grupos possuidores de terras, 14 possuem capital externo total ou parcial, somando 417.356 HA, o que equivalem a 24,2% das propriedades dos grandes grupos exportadores possuidores de terras, equivalente a 18,55% dos 2,25 milhões de HA destinados para produção na safra 2014/2015. Mostrando que são brasileiros que detêm a maioria das terras no Oeste da Bahia. O

exemplo mais clássico são as propriedades do grupo Estrondo em Formosa do Rio Preto, que possui sozinho 444.306 HA. Um tamanho superior a propriedades de grupos com capitais internacionais presentes na região.

Quando analisamos a tabela 4, mesmo apresentando valores parciais intercalados das exportações, é visível a superioridade por parte das multinacionais em todos os municípios que apresentam empresas exportadoras, com valores superiores a U\$\$ 50 milhões e/ou entre U\$\$ 10 milhões e U\$\$ 50 milhões. Logo, é um indicativo do controle da cadeia produtiva pelos grandes grupos internacionais na região expressando a lógica do mercado global. São os maiores exportadores as multinacionais Cargill, Bunge, ADM, XINGU, LDCommodities, Multigrain, Eisa e Omnicotton, responsáveis por exportar frações superiores a U\$\$ 50 milhões.

Os grupos nacionais são maioria entre os exportadores na região, sendo que alguns se destacam no segundo escalão de exportações, entre U\$\$ 10 e 50 milhões. Dentre os principais se apresentam a SLC Agrícola, Horita, Mizote, Ademar Marcal, Franciosi, Unibahia e Maeda. Isso expõe o pacto/interesse de classe entre os grupos nacionais e internacionais, operando as suas ações pela produção das commodities e pelo controle da circulação da produção, atendendo os anseios do mercado global. Ocupando a imensa maioria desse território, usufruído por poucos e cobiçado por muitos.

Tabela 4 - Empresas Exportadoras do Oeste da Bahia Por Faixa de Valor (US\$), Município e Endereço – Jan/Dez-2011 (Critério - Domicílio Fiscal)

MUNICÍPIO	EMPRESA	VALOR	ENDEREÇO
BARREIRAS	CARGILL AGRICOLA S.A	Acima de US\$ 50 milhões	RODOVIA BR 020/242 KM 604 S 01 A2 E3 A
BARREIRAS	SLC AGRICOLA S.A.	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BA 459 ANEL DA SOJA VIA PL
BARREIRAS	WALTER YUKIO HORITA	Entre US\$ 10 e 50 milhões	AV AHYLON 1039 MACEDO BARREIRINHAS
BARREIRAS	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	LOC PLACAS VILA RIO GRANDE
BARREIRAS	PAULO MASSAYOSHI MIZOTE	Entre US\$ 10 e 50 milhões	R BARAO DE CENTRO COTEGIPE 807
BARREIRAS	ADEMAR ANTONIO MARCAL	Entre US\$ 10 e 50 milhões	R 12 DE OUTUBRO 421 RENATO GONCALVES
BARREIRAS	MARCELINO FLORES DE OLIVEIRA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	R IBIRAPUERA RENATO, GONCALVES 200 APT 201
BARREIRAS	MARCOS ANTONIO BUSATO	Entre US\$ 1 e 10 milhões	AV CLERISTON ANDRADE 677 CENTRO 200
BARREIRAS	JACOBSEN COMPANHIA DE CULTIVOS LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RUA PARA 94 BOA VISTA
BARREIRAS	RICARDO LHOSSUKE HORITA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	AV AHYLON 1039 MACEDO BARREIRINHAS
BARREIRAS	WILSON HIDEKI HORITA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	AV AHYLON 1040 MACEDO BARREIRINHAS
BARREIRAS	SLC AGRICOLA S.A.	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BA 458 ESTRADA DO CAFÉ
BARREIRAS	AIRTON GORGEN	Entre US\$ 1 e 10 milhões	R VINTE E SEIS DE MAIO ED CHAPLIN SALA 201 CENTRO

A produção no Oeste da Bahia controlada por estrangeiros e a sua vinculação/subordinação ao capital

BARREIRAS	ADECO AGROPECUARIA BRASIL S.A	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BA 825 KM 32 FAZENDA R DE JANEIRO
BARREIRAS	MAQFRAN INDUSTRIA COM. E MANUTENCAO EM MAQUINAS LTD	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA ANEL DA SOJA CAIXA POSTAL 788
BARREIRAS	AGRIFIRMA CAMPO ABERTO AGROPECUARIA LTDA.	Entre US\$ 1 e 10 milhões	ESTRADA DO CAFE, KM 40
BARREIRAS	MARCIO DA CUNHA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	R GOVERNADOR 500 VALADARES VILA REGINA
BARREIRAS	JULIO CEZAR BUSATO	Entre US\$ 1 e 10 milhões	AV CLERISTON ANDRADE 677 CENTRO
BARREIRAS	ADECO AGROPECUARIA BRASIL S.A.	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BR 020
BARREIRAS	JOAO CARLOS JACOBSEN RODRIGUES	Entre US\$ 1 e 10 milhões	R PARA 94 CENTRO
BARREIRAS	AMAURI STRACCI	Entre US\$ 1 e 10 milhões	R ALBERTO COIMBRA 1282 CENTRO
BARREIRAS	DIRCEU DI DOMENICO	Até US\$ 1 milhão	R CAMPOS SALES 261 CAMPOS SALES
BARREIRAS	RICARDO HIDECAZU UEMURA	Até US\$ 1 milhão	R IBIRAPUERA RENATO, GONCALVES 200 APT 201
BARREIRAS	AGROPECUARA ARAKATU LTDA	Até US\$ 1 milhão	FAZENDA MORENA ESTR KM, 15
BARREIRAS	CELIO ZUTTON	Até US\$ 1 milhão	R D JOAO VI 283 CENTRO
BARREIRAS	BRUNO ANTONIO ZUTTON	Até US\$ 1 milhão	R PROFESSORA GUIOMAR PORTO 386 CENTRO
BARREIRAS	CELITO EDUARDO BREDAS	Até US\$ 1 milhão	R DOM PEDRO I 338 JARDIM IMPERIAL
BARREIRAS	JEFERSON ANTONIO SILVA DE OLIVEIRA	Até US\$ 1 milhão	R ESTACAO MORADA NOBRE 174 ELEVATORIA
BARREIRAS	AGROPECUARA ARAKATU LTDA	Até US\$ 1 milhão	RODOVIA ANEL DA SOJA
BARREIRAS	SERGIO SETSUO SATO	Até US\$ 1 milhão	PCA CORONEL ANTONIO BALBINO 27/41 SALA 23 CENTRO

A produção no Oeste da Bahia controlada por estrangeiros e a sua vinculação/subordinação ao capital

LEM	BUNGE ALIMENTOS S/A	Acima de US\$ 50 milhões	RODOVIA BR 242 KM 01
LEM	ADM DO BRASIL LTDA	Acima de US\$ 50 milhões	RUA PERNAMBUCO 55 LOJA 06 E 07 CENTRO
LEM	AMAGGI & LD COMMODITIES S.A	Acima de US\$ 50 milhões	RODOVIA BR-242
LEM	MULTIGRAIN S.A	Acima de US\$ 50 milhões	RODOVIA BR 242, KM 17
LEM	EISA - EMPRESA INTERAGRICOLA S/A	Acima de US\$ 50 milhões	RODOVIA BR 242, KM 88, TREC SALA 01
LEM	NOBLE BRASIL S.A.	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RUA I CENTRO INDUSTRIAL D
LEM	ADM DO BRASIL LTDA	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BR 242 KM 18
LEM	JOAO ANTONIO FRANCIOSI	Entre US\$ 10 e 50 milhões	AV LUIS EDUARDO 2241 JARDIM DAS ACÁCIAS MAGALHAES
LEM	MULTIGRAIN S.A.	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BR 242, CENTRO INDUSTRIAL D KM 88, RUA
LEM	OMNICOTTON AGRI COMERCIAL LTDA	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RUA B, ROD BR CENTRO D INDUSTRIAL 242, KM 88
LEM	CARGILL AGRICOLA S A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RUA B SALA A MIMOSO D'OESTE
LEM	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	ESTRADA ACESSO A BELA VISTA KM 30 BELA VISTA
LEM	UNIBAHIA SOCIEDADE COOPERATIVA	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RUA PIAUI 416 QUADRA C -MIMOSO DO OESTE LOTE 11
LEM	LOUIS DREYFUS COMMODITIES BRASIL S.A.	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BR 242 KM 88, TRECHO CENTRO INDUSTRIAL D 01

A produção no Oeste da Bahia controlada por estrangeiros e a sua vinculação/subordinação ao capital

LEM	GLENCORE IMPORTADORA E EXPORTADORA S/A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	AVENIDA PARAISO 10 LOTEAMENTO JARDIM P
LEM	AGRESTE COTTON AGROPECUARIA LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BA 460 KM 12
LEM	FARMERS ELEVATOR DO BRASIL AGROPEC. LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BR 020 FAZENDA CANTO DO RI
LEM	COOPERATIVA AGROPECUARIA DO OESTE DA BAHIA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RUA SERGIPE SILO S MIMOSO BARREIRAS AGROPECUARIA DO OESTE DA BAHIA
LEM	VOLCAFE LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	AVENIDA JK Q-15, L-5/12 JARDIM IMPERIAL
LEM	TRADEAGRO COM. AGRICOLA, IMPORTADORA E EXPORTADORA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RUA B LT. 36 SALA E CENTRO INDUSTRIAL D
LEM	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 1 e 10 milhões	ESTRADA ACESSO KM 40 BELA VISTA A BELA VISTA
LEM	ICOFORT - AGROINDUSTRIAL LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BR 242 -CENTRO INDL. CERRADO KM 88 RUA
LEM	ISABEL DA CUNHA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	R PROGETADA CHACARA JARDIM PARAISO PARAISO 3B
LEM	ASA AGRICOLA SANTO ANTONIO SA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	FAZENDA SANTO KM 548 BR 020/242 ANTONIO BR 24
LEM	DIONISIO JOAO ZANOTTO	Entre US\$ 1 e 10 milhões	R CASTRO ALVES C POSTAL 1016 CENTRO
LEM	JOHN DANIEL CARROLL	Entre US\$ 1 e 10 milhões	R. CARLOS 9995 JARDIM PARAISO DRUMOND DE ANDRA
LEM	AGRONOL AGRO INDUSTRIAL S/A	Entre US\$ 1 e 10 milhões	FAZENDA KM 535 BR 20/242 AGRONOL BR 242

A produção no Oeste da Bahia controlada por estrangeiros e a sua vinculação/subordinação ao capital

LEM	SOLAE DO BRASIL INDUSTRIA E COMERCIO DE ALIMENTOS LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BR 242, SALA 05 MIMOSO I KM 01
LEM	UBIRATAN FRANCISCO FRANCIOSI	Até US\$ 1 milhão	AV LUIS EDUARDO JARDIM DAS ACACIAS MAGALHAES
LEM	ADECO AGROPECUARIA BRASIL S.A.	Até US\$ 1 milhão	RUA PARA CENTRO
LEM	LAURI PEDRO KAPPES	Até US\$ 1 milhão	R CLERISTON QDA 41 LOTE 05 CENTRO ANDRADE
LEM	DANIEL FRANCIOSI	Até US\$ 1 milhão	AV BR 242/020 KM 526 SN C.POSTAL 788 JARDIM PARAISO
LEM	IVANA DA CUNHA MISSIO	Até US\$ 1 milhão	R BULERMAX S/N Q 17 LOTE 5 JARDIM PARAISO
LEM	ROGERIO JOSE FAEDO	Até US\$ 1 milhão	RUA GLAUBER ROCHA 331 JARDIM PARAISO
LEM	ALGODOEIRA BAHIA COTTON LTDA	Até US\$ 1 milhão	RODOVIA BR 020 SN KM 512 CHACARA 28
LEM	MARCELO LEOMAR KAPPES	Até US\$ 1 milhão	TANCREDO NEVES 1279 LT 12 B QD 35 JARDIM PARAISO
LEM	RUI DA VEIGA EIDT	Até US\$ 1 milhão	R PRIMEIRO DE MAIO LOTE 10 S/N CASA JARDIM PARAISO
LEM	BIA AGRICOLA S/A	Até US\$ 1 milhão	FAZENDA AGROMETA BR 242 KM S/N EST.BARR/ DIANOPOLIS
LEM	BUNGE ALIMENTOS S/A	Acima de US\$ 50 milhões	RODOVIA BR 242 KM 01
LEM	ADM DO BRASIL LTDA	Acima de US\$ 50 milhões	RUA PERNAMBUCO 55 LOJA 06 E 07 CENTRO
LEM	AMAGGI & LD COMMODITIES S.A	Acima de US\$ 50 milhões	RODOVIA BR-242
SAO DESIDERIO	AGRICOLA XINGU S/A	Acima de US\$ 50 milhões	RODOVIA BR 020, SENTIDO BRA S/N II, III, V - CASA 1

A produção no Oeste da Bahia controlada por estrangeiros e a sua vinculação/subordinação ao capital

SAO DESIDERIO	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BR 020 S/N KM 446 RODA VELHA
SAO DESIDERIO	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BR 020, S/N KM 382 - FAZENDA ANT
SAO DESIDERIO	MAEDA S.A. AGROINDUSTRIAL	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BR 020, KM 87 – MAR S/N FAZ. DOM PEDRO I
SAO DESIDERIO	FAZENDA IOWA LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BR 020 SN KM 404 RODA VELHA
SAO DESIDERIO	HERTZ BRAZIL FARM LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BR 020, KM 400 SN FAZENDA HERTZ RODA VELHA
SAO DESIDERIO	AGROPECUARIA CHAPADA VERDE LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	BR 020 KM 82 S/N FAZ.NOVO HORIZONTALIN
SAO DESIDERIO	MATOSUL AGROINDUSTRIAL LTDA	Até US\$ 1 milhão	RODOVIA BA 462 SN KM 86
SAO DESIDERIO	KOBRA AGRICOLA LTDA	Até US\$ 1 milhão	FAZENDA KOBRA AGRICOLA I BR S/N FAZENDA NOVA ELDORA
CORRENTINA	MULTIGRAIN S.A.	Acima de US\$ 50 milhões	RODOVIA BR 020 SN KM 19 SALA 01
CORRENTINA	AMAGGI & LD COMMODITIES S.A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BR-020 S/N
CORRENTINA	ADM DO BRASIL LTDA	Entre US\$ 10 e 50 milhões	QUADRA 07, LOTES 02 E 03 - S/N SALAS 11 E 12 VILA ROSARIO
CORRENTINA	SLC AGRICOLA S.A.	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BR 020 KM 67
CORRENTINA	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BR 020 S/N KM 314 ROSARIO
CORRENTINA	AGRICOLA XINGU S/A	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BR 020, SENTIDO BRA S/N

A produção no Oeste da Bahia controlada por estrangeiros e a sua vinculação/subordinação ao capital

CORRENTINA	MAEDA S.A. AGROINDUSTRIAL	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BR 020, KM 60 – MAR S/N
CORRENTINA	MULTIGRAIN S.A.	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BR 020 KM 48 SN
CORRENTINA	MULTIGRAIN S.A.	Até US\$ 1 milhão	RODOVIA BR 020, KM 2, PARTE S/N
CORRENTINA	AGRICOLA XINGU S/A	Até US\$ 1 milhão	FAZENDA CABECEIRA GRANDE S/N
FORMOSA DO RIO PRETO	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	REGIAO DA GARGANTA SN FAZ. STA. RITA CENTRO
FORMOSA DO RIO PRETO	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	ESTRADA OURO VERDE-REGIAO D S/N
FORMOSA DO RIO PRETO	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 1 e 10 milhões	RODOVIA BA 225, KM 69 S/N REGIO DA COACERAL
FORMOSA DO RIO PRETO	FAZENDA UNITED LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	FAZENDA UNITED ESTRADA DA P S/N PROJETO AGUAS CLARA COACERAL
RIACHAO DAS NEVES	BUNGE ALIMENTOS S/A	Entre US\$ 10 e 50 milhões	RODOVIA BA 828, S/N KM 42 OURO VERDE
RIACHAO DAS NEVES	MSU BRASIL AGROPECUARIA LTDA	Até US\$ 1 milhão	RODOVIA ANEL DA SOJA 458 FAZENDA BOA ESPERAN
JABORANDI	RIO PRATUDAO AGROPECUARIA LTDA	Entre US\$ 1 e 10 milhões	FAZENDA CORRENTINA S/N ZONA RURAL
JABORANDI	NORDESTE FLORESTAL E AGRICOLA S/A	Até US\$ 1 milhão	RODOVIA MAMBAIGO / COCOS-B KM 20 AZ.JACURUTU FORMOS ZONA DO PRATUDAO

Legenda – Empresa de Capital Internacional Completo ou Majoritário / Empresa de Capital Nacional Completo ou Majoritário

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (2011)

Tabela 5 – Produção e Exportação de Algodão no Oeste da Bahia

ANO	ÁREA (HA)	PRODUÇÃO (t)		EXPORTAÇÕES	
		CAPULHO	PLUMA	PLUMA (t)	%
2007	276.000,8	1.099,10	428,65	Sem informação	Sem informação
2008	293.000,4	1.88,40	470,61	128,11	27,22
2009	261.000,7	863,50	341,95	154,62	45,22
2010	244.000,9	929,40	371,76	178,70	48,07
2011	370.000,8	1.501,74	600,70	304,12	50,63
2012	387.000,15	1.184,67	473,87	350,78	74,02
2013	256.000,5	884,93	353,97	Sem informação	Sem informação
TOTAL	2.091.000,25	6.463,34	3041,51	1116,33	245,16

Fonte: AIBA (2014)

Tabela 6 – Produção e Exportação de Soja no Oeste da Bahia

ANO	ÁREA (HA)	PRODUÇÃO (t)	EXPORTAÇÃO (t)	% EXPORTADA
2007	850.000	2.295	Sem informação	Sem informação
2008	935.000	2.839	951	33,5
2009	983.000	2.506	1.542	61,5
2010	1.050.000	3.213	1.632	50,8
2011	1.100.000	3.696	1.932	52,4
2012	1.150.000	3.321	1.733	52,2
2013	1.285.000	2.900	Sem informação	Sem informação

Fonte – AIBA (2014)

São diversas as práticas nessa aliança de classe, em que brasileiros e estrangeiros produzem, armazenam, transportam, vendem e consomem em território baiano para dinamizar o capital internacional. Em uma estrutura fundiária de extrema exclusão social e degradação ambiental. Um território que já foi controlado por povos autóctones, índios, coronéis latifundiários, sulistas e agora se (re)configura novamente para os ditames do capital internacional. Uma transfiguração que a cada passo se legitima, com o asseguro judicial do Estado, que atende as suas regalias como garantia de incentivo para a instalação dos investidores.

São reflexões que nos possibilitam vincular essa dinâmica agrária do momento, a questões trabalhistas e hídricas sobre o desenvolvimento das forças produtivas. A estrangeirização de terras é mais um aspecto que possibilita um significado de mudança nas relações de produção, e conseqüentemente ligando diretamente o controle da propriedade, da água e do trabalhador enquanto efeitos da mercantilização e avanço das

relações capitalistas sobre o usufruto da propriedade, seguida pela desterritorialização de milhões de trabalhadores, seja do/no campo, cidade ou na floresta.

É dessa forma que os fundamentos da política agrária do governo brasileiro e baiano, estão diretamente associados aos pressupostos dos grandes conglomerados empresariais transnacionais, em detrimento de alternativas factíveis para a emancipação dos trabalhadores (THOMAZ JR., 2012).

O saldo desse modelo são U\$\$ 5 bilhões em divisas no ano de 2014 (AIBA, 2014) para “meia dúzia” que controlam a cadeia do agronegócio na região, e um “mar” de barbárie para o proletariado, seja urbano ou rural. Logo, entendemos que o debate a cerca da estrangeirização de terras no Oeste da Bahia deve ser voltado para um viés que não tenha apenas a compra de terras por estrangeiros como protagonista das discussões quem envolvem o campo. Isso pela quantificação inexpressiva apresentada (com exceção de algumas particularidades) e a grande apropriação das terras por brasileiros, sobretudo, os não baianos.

CONSIDERAÇÕES

O foco que defendemos é centralizado na dependência e força que o capital exerce sobre a agricultura brasileira, ditando sua dinâmica de acordo com os seus interesses, sobretudo em áreas de fronteira agrícola, nas quais estão instalados em maior concentração. Vinculados a um (re)arranjo territorial que ultrapassa a compra e o arrendamento de terras, interligando também a grilagem, a superexploração do trabalhador, a degradação ambiental, etc. Toda uma prática espoliativa, com base em uma acumulação econômica primitiva assistida a séculos, que se reconfigura ao longo dos tempos.

Portanto, diante da argumentação apresentada, é lúcido que a cadeia produtiva ligada ao agronegócio no Oeste da Bahia a cada passo caminha para um maior controle do capital externo, com exceção de alguns grupos brasileiros, que possuem origem fora desse território. O que mostra a dependência e a relação direta dos Estados baiano e nacional em promover esse movimento, responsável por alicerçar diversas formas de controle para fomentar a dinâmica financeira, mesmo não possuindo a titulação das terras e a produção em si. Sendo o controle de circulação de capitais e a venda dos produtos,

suas estratégias protagonistas para dar sustentáculo a essa urdidura, que possui no domínio das melhores terras, das fontes de água e do trabalhador, suas maiores bases que dão fomento a circulação e acúmulo de capitais.

Notas

¹ Este trabalho é um recorte da tese de doutorado em andamento intitulada – “Do Oculto ao Visível: Terra – Água – Trabalho e o Conglomerado Territorial do Agrohidronegócio no Oeste da Bahia. Desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGG, na Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – FCT/Unesp, campos de Presidente Prudente – SP.

² Apesar da pouca expressão no Oeste da Bahia em comparação a soja, algodão e o milho, o eucalipto é visto como estratégico para plantios futuros, sobretudo por seus derivados principais, a madeira, o papel e a celulose, fazerem parte da base de sustentação das exportações nacionais, abastecendo também parte do mercado interno. No Oeste da Bahia, existem projetos de reflorestamento a base de eucalipto em Formosa do Rio Preto, Barreiras, São Desidério, Correntina, Jaborandi Cocos, e mais recentemente em Baianópolis, Canápolis, Santa Maria da Vitória e Santana. Segundo o Diário do Comércio, Indústria e Serviços – DCI, ainda em 2008, só a Bungue a Cargill possuem contrato com produtores responsáveis por cultivar cerca de 30 mil HA na região. Em 2014, foi aprovada a construção da termoelétrica Campo Grande Bioeletricidade em São Desidério, que terá como matéria prima principal para combustão a madeira do eucalipto, expressando os constantes passos de avanço dessa commodity, propensa a ser cultivada em áreas “degradadas” e com pluviometria não adequada ao cultivo da soja, algodão e milho. O plantio está previsto para ser cultivado inicialmente em uma área de 7.985 HA, buscando atingir 35.000 HA. O que marca a mobilidade da fronteira para áreas de transição climática, em regiões mais povoadas com populações tradicionais.

³ O número não é exato, podendo as áreas divulgadas estarem responsáveis também por reserva legal e/ou reservas futuras para desmatamento. Contudo, a pesquisa mostrou que a maioria já estão destinadas para a produção.

⁴ São pseudos nomes. A não exposição dos verdadeiros nomes dos entrevistados foi pedido da maioria dos indivíduos ouvidos.

⁵ Pertence ao grupo Busato em Serra do Ramalho, contudo localizada em margem de rio, com a lavoura irrigada através de pivô central.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA – AIBA.
Anuário da Região Oeste da Bahia Safra 2013/2014: 10 Anos de Bahia Farm Show.
Barreiras – BA, 2014.

AGROLINK. *AIG Investments investe US\$ 65 milhões na Calyx Agro.* Acesso em -
www.agrolink.com.br/noticias/NoticiaDetalhe.aspx?codNoticia=68837. Maio, 2008.

ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA – AIBA.
Anuário da Região Oeste da Bahia Safra 2013/2014: 10 Anos de Bahia Farm Show.
Barreiras – BA, 2014.

BRANDÃO, Carlos. *Acumulação Primitiva Permanente e Desenvolvimento Capitalista no Brasil Contemporâneo.* In. Capitalismo Globalizado e Recursos Territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro-RJ, Lamparina. 2010.

CAPITAL NEWS. *Confinamento de Gado tem Queda no País*. Acesso em - <http://www.capitalnews.com.br/conteudo.php?cid=73540>. Campo Grande – MS, Junho, 2009.

DELGADO, Guilherme Costa. *Do “Capital Financeiro na Agricultura” a Economia do Agronegócio: Mudanças Cíclicas em Meio Século (1965-2012)*. Porto Alegre – RS. Editora da UFRGS, 2012.

DIÁRIO DO COMÉRCIO, INDÚSTRIA E SERVIÇOS – DCI. *Bungue e Cargill Investem na Produção de Eucalipto na Bahia*. 2008.

_____. *Oeste da Bahia Atrai R\$ 1 Bi para o Agronegócio*. Junho, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Quantidade Produzida de Algodão, Milho e Soja na Mesorregião do Extremo Oeste Baiano em Toneladas (1990 – 2013)*. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Quantidade Produzida de Algodão, Milho e Soja na Mesorregião do Extremo Oeste Baiano em Toneladas (1990 – 2013)*. 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA. *Livro Branco da Grilagem de Terras no Brasil*. Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA. Brasília – DF, 2014.

JORNAL A TARDE. *Oeste Baiano Ganha Maior Laticínio do País*. Acesso em - <http://atarde.uol.com.br/economia/noticias/1665428oestebaianoganhamaiorlaticiniiodo-pais>. Salvador - BA, Setembro de 2015.

JORNAL BRASIL DE FATO. *Agronegócio Brasileiro Incentiva Estrangeiros a Comprarem Terras no País*. Acesso - www.brasildefato.com.br/audio/agroneg%C3%B3cio-brasileiro-incentiva-estrangeiros-comprarem-terras-no-pa%C3%ADs. Abril, 2007.

JORNAL CORREIO 24 HORAS. *Potencial para Produção de Leite Atrai Investidores Internacionais para a Cidade do Oeste Baiano*. Acesso em - <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/potencial-para-a-producao-de-leite-atrai-investidores-internacionais-para-cidade-do-oeste-baiano/?cHash=291c811281b96ecb71e1afca6f07afc5>. Salvador - BA, Janeiro, 2015.

JORNAL NOVA FRONTEIRA. *Agentes Financeiros Oferecerão Facilidade para a Realização de Negociações na Bahia Farm Show*. Ano XXII, Nº 453. Barreiras – BA, 15 de abril de 2014.

JORNAL O EXPRESSO. *Conflito sobre Posse da Fazenda Estrondo Recrudesce*. Luís Eduardo Magalhães – BA. 2014.

JORNAL O ESTADÃO. *Incra Ascende Sinal de Alerta Contra a Compra de Terras por Estrangeiros: Propriedades Rurais Atraem Cada Vez Mais Fazendeiros de Outros Países, Investidores e Também Ambientalistas*. 2007.

_____. *Vanguarda Agro Planeja Vender 42 mil Hectares. Venda de Terras em Minas, Piauí e Ceará faz Parte da Estratégia de Abandonar a Produção de Biodiesel*. Junho, 2012.

JORNAL VALOR ECONÔMICO. *Agrícola Xingu tem Prejuízo Líquido de Quase R\$ 56 Milhões em 2013*. Acesso em <http://www.valor.com.br/agro/3725856/agricola-ningu-tem-prejuizo-liquido-de-quase-r-56-milhoes-em-2013>. Outubro, 2014.

MÉSZÁROS, István. *O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico*. São Paulo – SP. Boitempo, 2007.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC / SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR – SECEX. *Empresas Exportadoras Por Faixa de Valor US\$ (JAN/DEZ – 2014) na Bahia*. Sistema FIEB. Federação das Indústrias do Estado da Bahia. 2014.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA. *Fluxos Internos da Soja no Cerrado Baiano*. Macrozoneamento Ecológico-Econômico do Bioma Cerrado. Vol. 1. Brasília – DF, 2012.

MITIDIERO JR., Marco Antônio. *A Crise do Capital Global e suas Consequências na Apropriação da Natureza e do Trabalho*. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos – CBG. Vitória – ES, Agosto de 2014.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A Questão da Aquisição de Terras Por Estrangeiros no Brasil - um retorno aos dossiês*. AGRÁRIA, São Paulo, No. 12, pp. 3-113, 2010.

_____. *A Mundialização da Agricultura Brasileira*. XII colóquio internacional de geocrítica. 2012.

PERTILE, Vilson Rogério. *Relato da Experiência do Grupo Mizote*. 9º Congresso Brasileiro do Algodão. Brasília – DF, Setembro de 2013.

REDE CERRADO. *Correntina: “Fora Mizote” Vence mais uma Batalha*. Acesso em - <http://www.redecerrado.org.br/index.php/saladeimprensa/noticias/369correntinafora-mizotevencemaisumabatalha>. Fevereiro, 2014.

REVISTA A GRANJA. *O Economista que Acreditou na Terra Distante*. Acesso em - <http://www.edcentaurus.com.br/materias/granja.php?id=1899>. Janeiro, 2009.

REVISTAA.NET. *Júlio Busato: de 850 a 40 mil Hectares*. Acesso - <http://www.revistaa.net/reportagens/julio-busato-de-850-a-40-mil-hectares/#.Vk9eRfmrTIU>. Junho, 2014.

REVISTA CAFEICULTURA. *George Soros no Brasil : Um dos maiores investidores do mundo, George Soros investe em Café no Oeste Baiano*. Acesso - <http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=10781>. 2007.

REVISTA DINHEIRO RURAL. *A Senhora da Terra. A gaúcha SLC Agrícola quer cultivar 700 mil hectares do Cerrado brasileiro na safra 2020/2021*. Acesso - <http://dinheirorural.com.br/secao/capa/senhora-da-terra>. Correntina, Março, 2014.

_____. *O Algodão de Volta ao Topo*. Acesso em - <http://dinheirorural.com.br/secao/agronegocios/algodao-de-volta-ao-topo>. Agosto, 2010.

REVISTA EXAME. *Os Novos Donos da Terra*. Acesso em - <http://exame.abril.com.br/revistaexame/edicoes/933/noticias/novosdonosterra408010>. Dezembro, 2008.

REVISTA GLOBO RURAL. *Leite Kiwi-baiano. Neozelandeses Adotam Sistema de Produção a Pasto em Piquetes Irrigados por Pivôs Centrais no Oeste da Bahia e Revolucionam a Pecuária Leiteira no Brasil*. Acesso em - <http://revistagloborural.globo.com/Revista/Common/0,,ERT16126218283,00.html>. Agosto, 2010.

SAUER, Sérgio; LEITE, Sérgio Pereira. *Expansão Agrícola, Preços e Apropriação de Terra Por Estrangeiros no Brasil*. RESR, Piracicaba-SP, vol. 50, n° 3, p. 503-524, Jul/Set. 2012.

SANTOS, Crisliane Aparecida Pereira dos. *Dinâmica da Paisagem e a Fragilidade Natural e Antrópica da Fronteira Agrícola no Oeste da Bahia*. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia – GO, 2014.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO – SECOM, Governo de Tocantins – TO. *Empresários Baianos Buscam Parceria com o Governo de Tocantins*. 2007.

THOMAZ JR., Antônio. *Desenvolvimento Destrutivo das Forças Produtivas e a Nova Geografia da Produção de Alimentos*. Reforma Agrária em Dados. 2012.

VISION BRAZIL INVESTMENTS. *Estratégias dos Fundos de Participação no Brasil*. Org's. Amaury JR & Fabio Greco. ANBIMA, Maio de 2013.

Recebido em 06/10/2016. Aceito para publicação em 16/01/2017.
--